

O operador silencioso

Nilo Dante

João Leão Sattamini Netto morreu aos 85 anos, em 20 de novembro de 2018, concluindo abruptamente uma das biografias mais reluzentes do comércio do café, e um dos capítulos mais fascinantes da história da arte contemporânea do Brasil.

A par de uma trajetória percorrida em posições de relevo no serviço público, na iniciativa privada e na principal entidade de classe do setor, ele foi um dos protagonistas da Idade de Ouro do Café do Brasil, que tem início em 1963, com a criação da OIC (Organização Internacional do Café) sob o guarda-chuva da ONU, e termina a atabalhoada extinção do IBC (Instituto Brasileiro do Café), em 1990.

Sattamini esteve lá, com seu estilo de operador contido, discreto, por vezes frio e silencioso, mas colossalmente objetivo, combinando a elegância dos gestos com a precisão dos riscos em uma arena mortalmente desafiadora como sempre foi o comércio do café. Primeiro, como chefe do Escritório do IBC em Milão. Depois, diretor de Exportação da autarquia cafeeira. Adiante, como alto funcionário do Grupo Tristão. Mais tarde, no comando de sua própria casa exportadora, a Mercantil de Café. Por fim, como presidente do Centro do Comércio do Café.

No Brasil e ao redor do mundo, ele transitou com naturalidade naquele cenário inesquecível que consagrou gente do porte de Alex Beltrão, Paul Keating, Horácio Coimbra, Octavio Rainho Neves, Marcelino Martins, Jair Coser, Jônice Tristão, Jacky Assa, Pepe Esteve,

Artur Gomes Jaramilo, Giuseppe Lavazza, Tadao Ueshima e outros de igual calibre.

O jovem economista diplomado em 1959 na antiga Faculdade Nacional de Economia, deu os primeiros passos da carreira no BNDEs. Em 1961, aos 25 anos, passou a integrar o recém-criado Departamento Econômico do IBC. Em 1966, foi designado chefe do escritório do IBC em Milão, onde permaneceu até 1970. Ali, então, seu destino mudou para sempre.

A Itália lhe proporcionou “a maioria em café”, como Sattamini gostava de dizer. Mas acabou por inocular em seu gosto natural pelas artes a obsessão quase insana de tão apaixonada, que o faria um dos três maiores colecionadores do Brasil.

Nas noites de sextas-feiras, ele me contou certa vez, mal encerrado o expediente no Escritório do IBC, Sattamini costumava se abalar para a Milano Centrale afim de alcançar o trem noturno que o levaria aos santuários das artes por toda a Itália. Roma, obviamente, era o destino mais frequente. E foi nos tesouros do Vaticano que ele se apaixonou pelas obras-primas do grande Rafael. Notadamente os enormes óleos com que o mestre de Urbino adornou as Salas de Jantar dos papas. Quase tanto quanto Roma, Florença e Veneza também foram destinos frequentes daquele jovem brasileiro esguio e polido que dedicava fins de semana para encontrar seus heróis e esses heróis eram Ticiano, Giotto, El Greco, Michelangelo e – acima de tudo

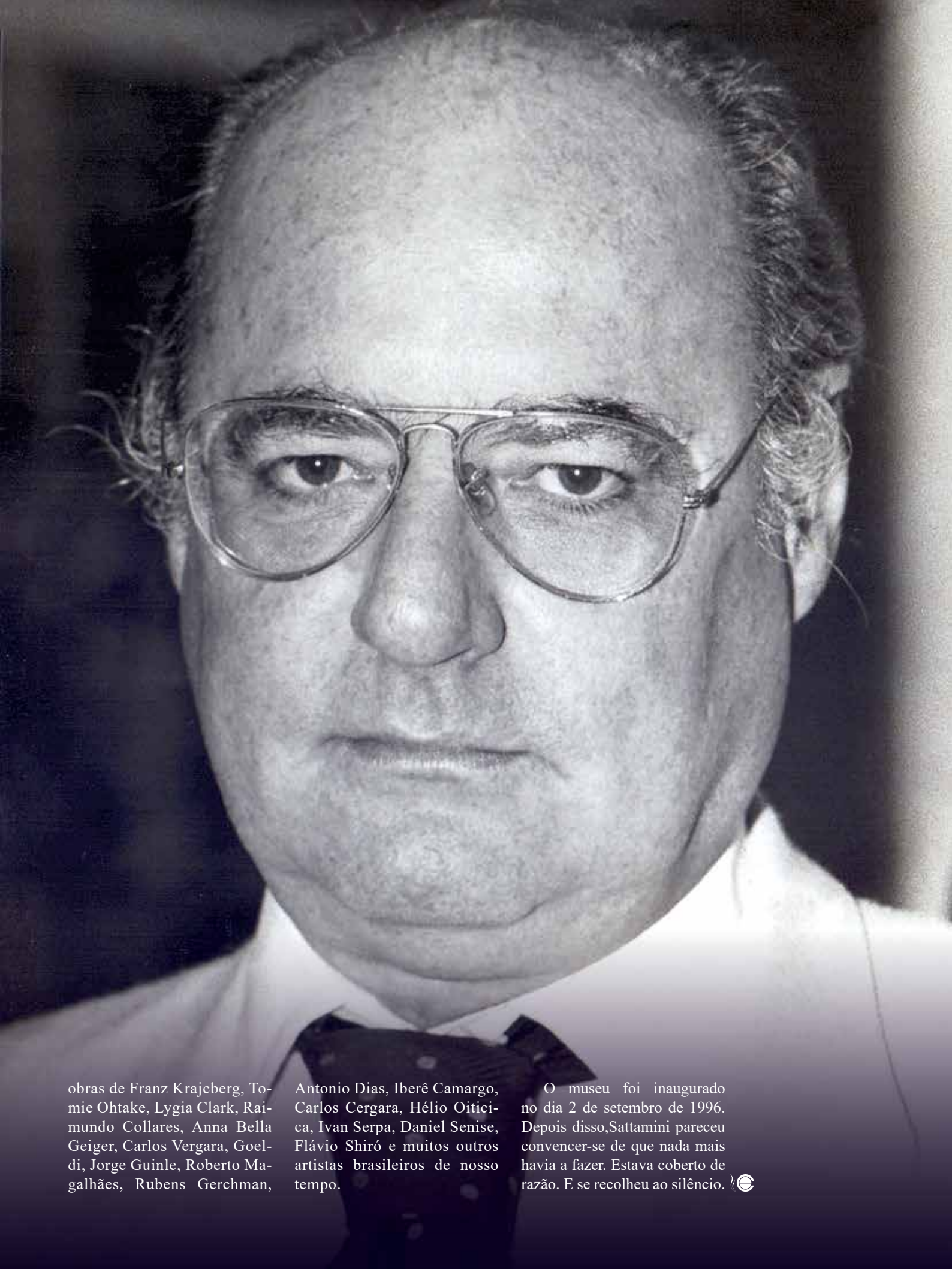
e de todos – o Da Vinci de seu apaixonado deslumbramento.

Trinta anos depois, afastado das atividades do café, Sattamini sacudiu a paisagem cultural do Brasil com sua própria obra prima de colecionador. Aqui é preciso dizer que ele nunca atacou uma tela em branco de pincel em punho. Jamais manejou qualquer ferramenta da escultura. No entanto, por mais de 30 anos ele comprou. Discretamente, silenciosamente, comprou. O que pode e, não raro, o que não pode, no inesgotável circuito das galerias da cidade. Comprou e valorizou especialmente as novas gerações de pintores que então entravam em cena.

Ao fim da jornada ele havia erigido uma das três maiores coleções de artes do Brasil. Coleção guardada a sete chaves e múltiplos endereços de descrição inexpugnável. Por várias décadas soube-se vagamente do amor do Sattamini pelas artes. Mas nunca se imaginou a que extremos sua obsessão o havia levado. Até o dia em que ele resolveu desvendar o espantoso tesouro que juntou a vida inteira. E o fez de maneira estrepitosa. Antes, ele convenceu Oscar Niemeyer a desenhar o museu em que pretendeu – e conseguiu – não só exibir, como oferecer o enorme acervo à posteridade.

O resultado é aquela maravilha que adorna a paisagem da Baía de Guanabara - o Museu de Arte Contemporânea de Niterói.

Do lado de fora, um monumento à beleza e às curvas que Mestre Niemeyer desenhou já avançado nos 90 anos. No lado de dentro, mais de 1.200



obras de Franz Krajcberg, Tomie Ohtake, Lygia Clark, Raimundo Collares, Anna Bella Geiger, Carlos Vergara, Goeldi, Jorge Guinle, Roberto Magalhães, Rubens Gerchman,

Antonio Dias, Iberê Camargo, Carlos Cergara, Hélio Oiticica, Ivan Serpa, Daniel Senise, Flávio Shiró e muitos outros artistas brasileiros de nosso tempo.

O museu foi inaugurado no dia 2 de setembro de 1996. Depois disso, Sattamini pareceu convencer-se de que nada mais havia a fazer. Estava coberto de razão. E se recolheu ao silêncio. ©